

A grafia de ditongos por crianças de séries iniciais: alguns problemas e comparações

I. L. V. Rocha – UFC

PUBLICAÇÃO EDIPUCRS

- HOHLFELDT, Antônio. *Pelas Veredas da Literatura Brasileira*. Em co-edição IEL. 1994, 209p.

Os pedidos deverão ser encaminhados à:

EDIPUCRS
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 33
Caixa Postal 1429
90619-900 PORTO ALEGRE - RS/BRASIL
FONE/FAX: (051) 320.35.23
<http://ultra.pucrs.br/edipucrs/>
E-mail edipucrs@music.pucrs.br

1 Introdução

O presente estudo focaliza alguns problemas pontuais envolvidos na grafia de ditongos por crianças de 1ª a 4ª séries do Ceará e do Paraná, aplicando procedimentos informatizados para o levantamento de palavras.¹ Os resultados discutidos fazem parte de uma pesquisa mais ampla sobre Aspectos Ortográficos da Aquisição da Escrita, projeto apoiado pelo CNPq para os próximos dois anos. Referido projeto visa, a partir de uma descrição pormenorizada das representações gráficas de crianças, estabelecer uma escala de referência sobre os aspectos mais problemáticos do desenvolvimento ortográfico, de modo a subsidiar o ensino da escrita.

Do ponto de vista ortográfico, a questão dos ditongos é instigante. O relacionamento particular entre duas letras para representar um único som, em muitos casos funcionando como monotongos, chega a aproximá-los dos dígrafos. Embora sua grafia ofereça menos problemas que a de outros grafemas complexos, alguns ditongos revelam-se mais problemáticos: EI, EU, IU, OI, OU.²

Neste estudo abordaremos o tipo de ditongo, sua posição na palavra e a freqüente ocorrência de hipercorreção, focalizando os ditongos

¹ Ver FERREIRO et al., 1996, p. 190-220 e MOREIRA, N. C. R. (1997a).

² ROCHA, I. L. V., 1997.

IU e EU no reconto de "O Chapeuzinho Vermelho", respectivamente em desinências verbais e em radicais. Buscamos respostas para as seguintes questões: Será que as crianças acertariam mais o ditongo IU em final de palavra, guiando-se por pistas morfológicas (no caso as desinências verbais)? Ou mesmo por sua maior saliência perceptual? Será que o fato de estarem mais expostas a morfemas desinenciais ou gramaticais do que a morfemas lexicais (Moireira, 1997b) se comprovaria no caso do ditongo EU da palavra "chapeuzinho", aprendida holisticamente por exposição visual? O que teria mais peso na construção desses ditongos: os procedimentos de análise em radicais diferentes, implicados na regularização das desinências verbais em IU; ou a apreensão da imagem gráfica do ditongo EU num único radical?

Alguns argumentos orientaram nossa opção por contrastar esses dois ditongos: serem ambos decrescentes e o fato de não sofrerem redução na fala; além da possibilidade que oferecem de problematizar para a criança o emprego dos grafemas u/o e i/e em relação à distribuição das letras na palavra, seguindo princípios posicionais. Um outro problema ainda nos chamou a atenção: a tendência em hipercorrigir o ditongo IU (ex.: escrever "vio", em vez de "viu", por analogia a grafias como "dedo", "saio", ou "navio").

2

Análise comparativa das formas não convencionais dos ditongos IU e EU

2.1

Aspectos quantitativos

No corpus analisado encontramos 115 textos com formas não convencionais do ditongo IU, cobrindo 23% da amostra analisada (quadro 1). O ditongo EU, por sua vez apareceu em 65 textos, representando 13% da amostra (quadro 1). Mesmo desconsiderando a maior frequência da palavra "chapeuzinho" no conto examinado, em termos absolutos este resultado já mostra que as crianças acertaram mais o ditongo EU no radical da palavra "chapeuzinho", que o ditongo IU em final de palavra.

Quadro 1
Formas não convencionais (NC) dos ditongos IU e EU:

Grupos ¹	Textos (N)	Textos com NC		%	
		IU	EU	IU	EU
2B	50	6	3	12.	6.
3B	69	19	9	28.	13.
4B	80	21	11	26.	14.
1M	57	6	14	10.	25.
2M	73	16	5	22.	7.
3M	83	28	14	34.	17.
4M	94	19	9	20.	10.
N	506	115	65	23.	13.

Examinando os textos com grafias não convencionais de IU/EU (leitura horizontal do quadro), pelos estratos socioeconômicos da amostra (grupos), verificamos que o percentual de ocorrências de EU é sempre menor que o de IU (com exceção do grupo da 1M). Isso reforça o que foi apontado antes, revelando que a grafia do ditongo IU é, de fato, mais complexa para as crianças que a de EU. Como suspeitávamos, a natureza da palavra "chapeuzinho", de alta frequência nas cartilhas e livros didáticos das séries iniciais, pode ser responsável por esses resultados. Lidar com a grafia do ditongo num único radical parece ser mais fácil para as crianças do que as análises que precisa fazer para construir a regularidade ortográfica através de pistas morfológicas, analisando radicais diferentes.

Olhando os dados do quadro 1 ao longo da escolaridade e contrastando o fator social (no sentido vertical do quadro), pode parecer que há um movimento semelhante na forma de grafar o ditongo EU, especialmente na transição da 2ª para a 3ª série, com um aumento bem significativo de formas NC, o que até sugere uma queda no desempenho ortográfico... Na verdade, trata-se de um período de maior liberdade de experimentação, após o que foi construído na 2ª série.

¹ O primeiro número refere-se à série escolar, B representa classe baixa (Escola Pública) e M classe média (Escola Particular).

Ponderando melhor sobre os dados, veremos que as crianças da classe média apresentam sempre um melhor desempenho escrito que as da classe baixa. Isso se revela, por exemplo, na brusca queda nas formas NC do ditongo EU, da 1ª para a 2ª série (passam de 25% para 7%) e da 3ª para a 4ª (passam de 17% para 10%); diferentemente do que ocorre na classe baixa, onde os dados da 1ª série nem foram considerados, tão primitivos se revelavam, além de quase não haver diferenças da 3ª para a 4ª séries. É como se nos extremos estivesse a diferença...

Se com EU o decréscimo de formas NC pode ser considerado um ganho ortográfico, com o ditongo IU há outros aspectos a considerar. Ao "errarem" na sua grafia, geralmente no sentido de hiper corrigir o ditongo (iu>io), na verdade as crianças estão imprimindo maior formalidade à grafia, buscando os padrões que elas julgam próprios *da escrita*. Neste sentido, observamos que na classe média o aumento de formas NC ao longo da escolaridade é bem superior que na classe baixa. Já na 4ª série a tendência em ambos os grupos é caírem os usos NC, sinalizando um período em que essas aquisições estão se firmando. Mas também aí a classe média demonstra um desenvolvimento maior. Por fim, há que se observar ainda, que os dados da classe baixa revelam um atraso global por séries em relação aos da classe média: a 1M equivale à 2B, a 2M à 3B, as 3M e 4M se aproximam em conjunto da 4B. O quadro 2 (a seguir) ilustra muito bem essa tendência, em relação à forma hiper corrigida em IO.

2. 2

Aspectos qualitativos – o ditongo IU

Vejam agora como as crianças grafaram o ditongo IU e em que palavras o fizeram. O quadro seguinte mostra as ocorrências por grupos de escolaridade e nível socioeconômico.

Quadro 2
Realizações não convencionais do ditongo IU por grupos:

Grupo	IO	IL	Omis. I	Omis. U	EU	M	Total
2B	6	–	–	2	–	–	8
3B	23	3	–	1	–	–	27
4B	30	7	–	1	–	–	38
1M	8	1	–	–	–	–	9
2M	23	3	1	–	2	–	29
3M	29	7	1	1	1	1	40
4M	25	8	1	–	1	–	35
N	144	29	3	5	4	1	186

O levantamento das realizações não convencionais do ditongo IU mostrou a preferência pela forma IO (ex.: abriu>abrio) em verbos (terminados em IR, na 3ª pessoa do pretérito perfeito). Em 186 formas não convencionais, 144 (77,4%) foram realizadas como IO, contra 29 (15,5%) como IL e 6,9% de outras formas (omissão do U ou I, a transformação de IU em EU ou M). Estes dados nos permitem observar que essas crianças ainda não fazem uso de estratégias morfológicas (afixos, desinências e flexões), ou mais precisamente, do conhecimento morfológico da terminação verbal como pista para grafar as palavras. Tal evidência encontra respaldo em pesquisas no inglês sobre estratégias cognitivas atuantes no desempenho ortográfico (Treiman, 1993, apud Moreira, 1997). Esses estudos revelam que até a 3ª série a atuação do conhecimento morfológico é inferior ao fonético e ortográfico, pois "crianças bem pequenas não têm ainda suficiente experiência com a língua para abstrair e usar regularidades de significado" (Moreira, 1997).

Outra interpretação que os dados permitem é a tendência para o aumento da hiper correção em IO ao longo da escolaridade tanto na classe baixa, como na média. E mais uma vez verificamos o já aludido atraso das crianças da classe baixa em pelo menos um ano escolar. Mas, de qualquer modo, é possível inferir que o que esteja orientando a realização do ditongo IU (hiper corrigido em IO, ou grafado em IL), seja muito mais a busca de padrões *da escrita*, do que o uso de estratégias morfológicas.

As palavras que deram ensejo a formas não convencionais com hiper correção do ditongo IU foram recorrentes nos textos das

crianças. Entre essas palavras, poucas provocaram só uma forma deste tipo (cobriu, cumpriu, insistiu e surgiu). As palavras que provocaram maior incidência de hipercorreção foram: vestiu (39 vezes), saiu (30 vezes), viu (25 vezes), engoliu (17 vezes), abriu (15 vezes). Além de serem verbos, a frequência destas palavras pode ser atribuída ao próprio enredo do conto "O Chapeuzinho Vermelho". E no caso de "vestiu", a forma mais hipercorrigida, temos embutida a palavra "tio", mostrando mais uma vez a força dos aspectos gráfico-visuais nas construções ortográficas da criança.

Observando as palavras em que surgiram grafias NC do ditongo, um aspecto que chama a atenção é a alta frequência de IO em formas a que a criança está muito exposta, por serem palavras de grande recorrência no léxico visual, e que podem estar orientando suas escolhas gráficas. A palavra "rio" em: "abriu" (8 vezes num total de 15 formas - 53%); "cumpriu" (1 ocorrência); "descobriu" (1 ocorrência). A palavra "guio" em: "consequiu" (3 vezes num total de 4 formas - 75%); A palavra "tio" em: "partiu" (1 ocorrência); "sentiu" (1 ocorrência); "vestiu" (27 vezes num total de 39 formas - 69%). Além dessa grande ocorrência de formas fixas que se constituem palavras independentes no léxico, a terminação IO também é muito produtiva em português, favorecendo o uso de estratégias analógicas no processamento ortográfico.

2.3

Apectos qualitativos - o ditongo EU

Embora a palavra "chapeuzinho" já tenha sido alvo de exaustivo estudo (Moreira e Pontecorvo, 1996),⁴ no presente estudo ela foi reanalisada em função do ditongo EU. Os resultados foram os seguintes (Quadro 3): 114 ocorrências (48%) de formas em que as crianças grafam EU corretamente, mas estão lidando com a questão do acento; 96 ocorrências de formas com EL (40%) e outras 29 ocorrências (12%) de formas variadas (os demais casos apresentados no Quadro 3) em que a motivação subjacente mais aproximada é a fonética. Como vemos, o problema mais freqüente na grafia desse ditongo foi a substituição por EL, denotando que, na sua construção, o que as crianças estão buscando é a convencionalidade da escrita.

⁴ Em relação à motivação ortográfica dominante (fonética, gramatical, semântica, analógica e gráfica), o trabalho revelou que prevaleceram as motivações gramatical (36,5% dos casos) e a gráfica (36%).

Quadro 3
Realizações não convencionais do ditongo EU na palavra "chapeuzinho",
por escolaridade e nível sócio-econômico

Grupos	Grafias										
	ÉU	EÚ	ÊU	ÊÜ	EL	IU	U	EI	Ê	E	omis. PE/E
2B	7	-	-	1	2	-	-	-	-	-	-
3B	17	-	-	1	16	-	-	-	1	2	-
4B	26	8	2	-	11	-	1	-	-	4	2
					7 ÉL						
1M	13	-	-	-	20	1	4	1	2	5	-
2M	4	1	-	-	8	-	-	-	-	-	1
3M	25	3	-	-	16	-	-	-	-	2	-
4M	6	-	-	-	16	-	-	-	-	2	1
N	98	12	2	2	96	1	5	1	3	15	4

3

A questão da hipercorreção

Segundo Harris e Hodges (1995), hipercorreção é o uso de uma palavra, pronúncia, padrão inflexional ou construção errôneos, presumivelmente mais corretos que aqueles que substituem. Geralmente o fenômeno ocorre entre falantes de dialetos não-padrões, falantes engajados na aprendizagem de uma segunda língua e crianças nos estágios iniciais do desenvolvimento da linguagem. Ela se manifesta na aquisição ortográfica, do mesmo modo que em outros níveis lingüísticos (como o sintático ou o lexical, por exemplo), sendo particularmente visível em estratégias morfológicas, como já apontamos anteriormente. Do ponto de vista da aquisição da linguagem, a hipercorreção relaciona-se com a capacidade inferencial que as crianças revelam ao fazerem generalizações indevidas sobre dados com que estão lidando, mas seguindo princípios lingüísticos específicos. O fenômeno é interessante, ilustrativo que é da aquisição (Karmiloff-Smith, 1995) afeta tanto ao domínio geral (parte da competência cognitiva geral, segundo os piagetianos), como ao domínio específico (processo vinculado a operações sobre estruturas lingüísticas inatas e específicas, conforme a visão inatista da modularidade da linguagem). Além disso, do ponto de vista da interpretação do modo como as crianças constroem a linguagem, a hipercorreção funciona como uma "janela" por onde enxergar esses processos, fornecendo valiosos aportes pedagógicos sobre a conduta lingüística do aprendiz.

Como os sujeitos que hipercorrigem o ditongo IU realizam o ditongo EU

Fizemos um corte na amostra para examinar como procedem, na grafia do ditongo EU, as crianças que hipercorrigem o ditongo IU (113 em 506 sujeitos/22,3% da amostra). Encontramos 3 grupos diferentes (quadro 4).

Quadro 4
Hipercorreção e convencionalidade da grafia dos ditongos IU e EU

IU>IO	EU grafia conv.	grafia NC	oscilam	N (total)
hip. sempre	15	4	6	25
oscilam	33	9	18	60
hip. 1 vez	15	7	6	28
N (total)	63 (55,7%)	20 (17,6%)	30 (26,5%)	113 (100%)

O quadro 4 mostra que, quanto à hipercorreção de IU, há três modos básicos de proceder: hipercorrigir sempre, oscilar (no mesmo texto grafar convencionalmente ou não) e hipercorrigir apenas uma vez, em uma única palavra possível no texto. Do mesmo modo na realização de EU, as crianças se diferenciam quanto à consistência da convencionalidade das grafias: acertar sempre (grafia conv.), errar sempre (grafia NC), ou oscilar. Relacionando, pois, os dados relativos à hipercorreção de IU aos da convencionalidade na grafia de EU, podemos verificar a partir do Quadro 4 que:

1. A maioria das crianças que hipercorrigem IU/desinência verbal grafam EU/radical de forma convencional (55,7%), seguindo-se o grupo das que oscilam na grafia do ditongo (26,5%) e, em último lugar, as que o grafam sempre de forma não convencional (17,6%). A soma dos dois últimos grupos (44,1%) ainda é inferior aos que escrevem o ditongo sempre corretamente. Isso nos mostra mais uma vez que a grafia de EU é mais fácil que a de IU, embora, para muito sujeitos existam dificuldades ortográficas comuns.

2. Examinando isoladamente o comportamento dos três grupos, o que se destaca é o grupo dos que oscilam na hipercorreção de IU. Este grupo é o mais numeroso (60 sujeitos), apresentando, na grafia de EU, as maiores frequências: primeiro de formas convencionais, depois de formas mistas (oscilantes) e, por fim, de formas não convencionais. Tal dado reforça o que foi colocado em (1) e pode indicar ainda que hipercorrigir seja um procedimento natural e de largo uso na construção ortográfica desses ditongos. E mais: sinaliza uma evolução na aquisição gradativa da forma correta, sugerindo uma relação entre o modo de grafar esses ditongos, como se para um grupo numeroso de crianças essas dificuldades fossem comuns.

3. Os demais grupos de hipercorreção em IU têm frequências praticamente iguais de formas corretas, oscilantes e não convencionais em EU. Somados, eles equivalem ao grupo dominante, analisado em (2), estabelecendo uma fronteira entre os que, de fato, hipercorrigem sempre ou uma vez na única palavra e os que oscilam. Isso só vem mostrar que a oscilação entre formas convencionais e não convencionais é um indício da construção ortográfica como um todo. E que as crianças que assim procedem já estão mais avançadas em ortografia que as que hipercorrigem sistematicamente.

5

Comentários finais

Na construção dos ditongos EU e IU, as grafias não convencionais encontradas foram orientadas mais por critérios da escrita que da fala. Comparando os dois ditongos, verificamos que a aquisição de EU (no radical da palavra "chapeuzinho") precede a de IU (em desinência verbal), de mais difícil elaboração, indicando que as estratégias morfológicas ainda não são usadas pela maioria das crianças do corpus analisado.

Referências bibliográficas

- FERREIRO et al. *Chapeuzinho Vermelho aprende a escrever*. São Paulo, Ática, 1996.
- HARRIS T. L., HODGES, R. E. (eds.). *The literacy dictionary – the vocabulary of reading and writing*. Newark Delaware, International Reading Association, 1995.
- KARMILOFF-SMITH, A. *Beyond modularity – a developmental perspective on cognitive science*. Cambridge/Massachusetts, London/England: The MIT Press, 1995.
- MOREIRA, N. C. R. Aplicações e possibilidades do Sistema Textus. In: *I Simpósio de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem (Anais)*. Fortaleza, UFC, 1997a. (no prelo)
- . O que nos revelam as grafias infantis. Fortaleza, 1997b. (no prelo)
- ROCHA, I. L. V. Construindo a ortografia de ditongos: um estudo exploratório. In: *I Simpósio de Aquisição e Desenvolvimento da Linguagem (Anais)*. Fortaleza, UFC, 1997. (no prelo)